



DOUTORAMENTO *HONORIS CAUSA*

PEPETELA

HONORIS CAUSA

UNIVERSIDADE DO ALGARVE | 2020

DOUTORAMENTO *HONORIS CAUSA*
A PEPETELA
PELA UNIVERSIDADE DO ALGARVE

OUTORGADO EM FARO

28 DE ABRIL DE 2010

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

FARO

SETEMBRO 2020

ÍNDICE

- 09 DISCURSO DO MAGNÍFICO REITOR
PROF. DOUTOR JOÃO GUERREIRO
- 15 *LAUDATIO* PROFERIDA PELO
PROF. DOUTOR ANTÓNIO CORREIA E SILVA
- 27 DISCURSO DE AGRADECIMENTO
DO NOVO DOUTOR PEPETELA
(ARTUR CARLOS MAURÍCIO PESTANA
DOS SANTOS)

DISCURSO
DO MAGNÍFICO REITOR
PROF. DOUTOR JOÃO GUERREIRO

PALAVRAS PROFERIDAS NA ABERTURA DA SESSÃO DE OUTORGA DO GRAU DE DOUTOR HONORIS CAUSA A PEPETELA

Sejam bem-vindos à Universidade do Algarve, neste dia de festa. A Universidade abre uma vez mais as suas portas para acolher uma personalidade, que integrará, a partir de hoje, a nossa comunidade académica. Trata-se de Artur Carlos Pestana, mais conhecido por Pepetela, a quem agradeço o facto de ter aceite o convite que lhe fizemos para se associar ao corpo dos Doutores da Universidade do Algarve.

Esta decisão, proposta pelo Conselho Científico da nossa Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, foi oportunamente adoptada por unanimidade pelo Senado Universitário. Será a última cerimónia inserida nas comemorações dos 30 anos da Universidade do Algarve. E permito-me sublinhar que fechamos essas comemorações com chave de ouro. Com a atribuição do grau de Doutor *Honoris Causa* a Pepetela.

Gostaria igualmente de agradecer ao meu amigo Prof. António Correia e Silva, Reitor da Universidade de Cabo Verde, a honra que nos dá em participar nesta cerimónia, assegurando a *Laudatio* do novo Doutor. Companheiro de diversas jornadas em prol da valorização da instituição universitária, recordo o momento em que, há alguns anos atrás, ainda antes da criação formal da Universidade de Cabo

Verde, nos visitou procurando apoio para a sua missão. A Universidade de Cabo Verde é, hoje em dia, uma realidade em crescimento, que se impôs não só no panorama da diáspora cabo-verdiana, como também no seio das universidades de língua portuguesa, suscitando neste meio uma enorme admiração pelo percurso seguro que tem abraçado.

Uma palavra de agradecimento pela presença do Senhor Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, nosso convidado, permitindo-me agradecer o interesse com que segue as iniciativas da Universidade do Algarve e o apoio explícito que, no âmbito das suas funções, tem assegurado a esta instituição. Agradeço igualmente a presença do Senhor Embaixador de Angola, país que recordo por aí ter passado grande parte da minha adolescência, e com o qual a Universidade do Algarve tem inúmeras linhas de cooperação que se distribuem por diversas áreas científicas.

O acto de outorga de um grau, como aquele que iremos testemunhar, permite sempre à Universidade que o concede sublinhar alguns aspectos da dinâmica universitária que convergem com a personalidade que recebe esse grau, com a obra de que é responsável ou com o domínio científico no qual o doutorando se insere.

No caso de Pepetela, prémio Camões e figura maior da literatura em língua portuguesa, gostaria de evocar quatro linhas mestras que extraio do seu percurso e com as quais a Universidade do Algarve se identifica.

A primeira resulta da necessidade de adoptarmos uma prática de interculturalidade. Vivemos em comunidades abertas, marcadas por fluxos crescentes de migrações que povoam os nossos territórios, muitos deles determinantes na respectiva evolução económica, no seu dinamismo demográfico ou, ainda, na produção cultural. Pertencemos a comunidades cada vez mais influenciadas pela convivência entre culturas, pela interpenetração das nossas práticas quotidianas, pelo aproveitamento exaustivo da espantosa capacidade de mobilidade que passou a integrar os nossos hábitos.

Neste quadro, não só reabilitamos velhas ligações que ainda nos surpreendem, como também suscitamos novas convergências, tentamos construir projectos transversais e comprometidos, e adoptamos um quadro que gera obrigatoriamente situações sociais, porventura mais instáveis, mas seguramente mais ricas, mais promíscuas e mais diversificadas.

É um modelo que adoptamos na nossa Universidade. A abertura ao mundo, que praticamos, leva-nos a que tenhamos entre nós um número crescente de estudantes estrangeiros que se aproxima dos 10% do nosso corpo estudantil, inseridos em todos os graus de ensino e com origem em mais de sessenta países. O caldeamento de culturas que cultivamos reforça o carácter intercultural da nossa Universidade.

De certa maneira, seguimos Mia Couto quando este afirma que temos de nos descolonizar uns aos outros, uns e outros.

A segunda linha que nos aproxima de Pepetela aponta para a valorização da língua portuguesa. Na actualidade falarão a língua portuguesa mais de 250 milhões de habitantes deste planeta, sendo naturalmente o Brasil o colosso que permite erigir a nossa língua como veículo internacional de conhecimento, de cultura e de cidadania.

A língua Portuguesa não é estática; evolui, enriquece e incorpora novas realidades. As várias realidades espalhadas por esse mundo fora, de que os crioulos são o exemplo, resultam de uma mestiçagem da língua portuguesa, nalguns casos decorrentes de processos autónomos de fusão da nossa língua com línguas locais. E a literatura em língua portuguesa é talvez a alavanca maior desse enriquecimento.

A Universidade do Algarve está igualmente comprometida com este movimento, em diversos tabuleiros relacionados com a literatura e a linguística, mas também com as artes e com a comunicação.

A terceira linha que retiramos da actuação de Pepetela funda-se na adopção de um intransigente compromisso social, que está bem reflectido na sua obra. É essa igualmente uma linha de orientação que se pretende imprimir à nossa Universidade. Não só pelos resultados

que a comunidade espera desta instituição, mas igualmente pelo carácter público que suporta e condiciona a nossa actividade.

O nosso compromisso é com a qualificação da sociedade, com a criação de condições de intervenção social mais exigentes e com um envolvimento colectivo mais equilibrado e mais justo. Acenamos com a bandeira do conhecimento para introduzir maior qualidade no funcionamento das nossas organizações, das nossas empresas, das nossas administrações, das nossas associações, numa perspectiva de maior equidade e elevada harmonia, tentando recuperar os valores que as utopias do séc. XIX atribuíam às sociedades humanas.

É um compromisso que não só nos impede de pactuarmos com a ignorância e com o obscurantismo, como fomenta a nossa entusiástica adesão à concepção do novo, à defesa do talento e à valorização do conhecimento, numa procura incessante de maior e melhor desenvolvimento das nossas sociedades.

A quarta linha mestra incide, finalmente, sobre a liberdade. A liberdade de reflexão e de criação está ligada ao próprio conceito de Universidade. Não pode haver criação sem liberdade. Este é, aliás, um traço distintivo, assumido, diria mesmo imposto, na definição das condições de trabalho das universidades e que se tem evidenciado ao longo dos nove séculos de história que a instituição universitária carrega.

A própria evolução recente das actividades universitárias, que pretendemos em estreita convergência com a sociedade, só pode ser entendida pela Universidade como uma expressão da sua autonomia, identificando capacidades de intervenção, antecipando soluções tecnológicas ou sociais, proporcionando uma reflexão sem preconceitos, num permanente ambiente de incomodidade que caracteriza a defesa da liberdade.

Estas são as linhas mestras que associo, numa rápida leitura, ao percurso de Pepetela, como escritor de língua portuguesa e como intelectual comprometido, linhas essas que permitem enriquecer a paleta das preocupações universitárias e encarar com confiança os enormes desafios que temos pela frente, na senda de um mundo melhor.

Muito obrigado Pepetela.

Muito obrigado pela presença de todos.

João Guerreiro

Reitor da Universidade do Algarve

LAUDATIO PELO PROF. DOUTOR
ANTÓNIO CORREIA E SILVA

ALOCUÇÃO NA CERIMÓNIA DO DOUTORAMENTO HONORIS CAUSA DE PEPETELA PELA UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Senhor Magnífico Reitor,
Senhor Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino
Superior,
Senhor Embaixador da República Popular
de Angola,
Senhores Membros dos Órgãos de Governo
da Universidade,
Senhor Homenageado, caro Afilhado,
Minhas Senhoras e meus Senhores.

Consintam que as minhas primeiras palavras sejam para expressar, para lá do exercício de mera retórica de circunstância, o quão honrado me sinto em participar nesta cerimónia, mormente na posição de padrinho de um escritor que faz parte integrante das minhas referências literárias, políticas e até afectivas. Em gerações diferentes – e não posso dizer que a minha geração não tenha também as suas utopias e as distopias – ambos sofremos, lutámos e sonhámos com a África. Honrado também, Magnífico Reitor, caro amigo Prof. João Guerreiro, por estar aqui, na Universidade do Algarve, que é a prova provada de que a condição periférica nunca representou a impossibilidade de se construir a excelência científica e pedagógica das Academias.

Assumindo eu a condição de Reitor de uma jovem universidade, de um país igualmente jovem e periférico, olho para a Universidade que V. Excia. preside como um caso inspirador e gerador de esperança. Por estas razões, e por outras mais, que são de foro íntimo, peço-vos que relevem a emoção que me embarga a voz. Peço-vos, igualmente, que relevem a minha falta de erudição, ou mesmo o meu despreparo, para fazer um elogio à altura dos méritos do meu afilhado que, como sabeis, são muitos, mas mais do que isso, estão sempre a surpreender-nos, livro a livro, numa produtividade notável. Despreparo de que falo não é, como ocorre amiúde em circunstâncias semelhantes, um acto de retórica, uma humildade, digamos assim, vaidosa, própria de académicos, que visa, acima de tudo, agradar ainda mais o ouvinte.

Não sendo eu um académico versado em estudos literários (afinal de contas sou um simples sociólogo apaixonado pela História), a literatura para mim tem uma taxonomia simples. Taxonomia que, desconfio, não colher uma grande aprovação dos estudiosos, pois ela divide toda a literatura mundial em apenas duas categorias: a) a que eu gosto; b) a que não gosto. Suspeito, por isso, que eu esteja um pouco desarmado perante uma obra literária complexa que fala do Negro e do Branco, da Paz e da Guerra, da Realidade e da Utopia, do Passado e do Presente, da África e da Europa, do Planalto e da Estepe. Que posso eu então dizer diante de uma literatura que se recusou a encerrar-se em si própria e tem a permanente ambição de reflectir os tempos e de, (porque não?), de os reescrever?

Com a vossa licença e complacência, queria tecer apenas palavras breves, quiçá, breves de mais acerca da obra do autor, que fui conhecendo sem qualquer pretensão académica, ou outra, apenas pelo prazer da leitura pelo deslumbramento da descoberta e pelo reconhecimento das afinidades existentes entre a realidade que ele narra e a minha história de africano, de ex-colonizado, de falante do português, para só falar destas afinidades. Então, sou a dizer-vos o seguinte: a despeito de uma ideia que hoje faz escola, entendo que não há como desligar a escrita de Pepetela de um projecto político mais amplo, nascido na periferia do império colonial português – periferia onde eu também nasci, embora num colonialismo já tardio e agonizante –, um projecto político que visou justamente transformar as periferias em centros, as subalternidades em protagonistas, os povos a civilizar e a assimilar em nações, os homens que eram então objecto de uma escrita que os deformava, porque produto de uma perspectiva exógena, por isso cultora de exotismos, em actores da História e também autores da escrita sobre si próprios. Como se quem quisesse ser actor da sua própria história tivesse, antes, que começar por ser autor. É que a ruptura, a primeira, consiste precisamente em passar do estatuto de povos sobre quais se escreve ao de povos que escrevem. Eis a subversão instaurada por homens como este que, aqui e agora, a morena Universidade do Algarve homenageia com a atribuição do título de Doutor *Honoris Causa*. Ele faz parte da subversão histórica que representou "coloniais" a escrever sobre a sua própria realidade e a partir de suas vivências. Realço

este criar de uma relação consigo próprio, este acto reflexivo, pois se situa nele o ponto de viragem. Não que antes dos anos 40, 50 e 60 do século XX, os coloniais não escreviam literatura de ficção com base em suas experiências pessoais e sensoriais. Estaria a faltar com a verdade e a induzir em erro se sustentasse tal tese. Mas fizeram-no, é verdade, contudo maioritariamente vindo a sua própria realidade com lunetas metropolitanas. A assunção da condição de escritor da periferia, a começar da periferia colonial, instaurou a subversão da relação sujeito/objecto da escrita, facto que traz embutido imediatamente outras subversões: de linguagem, de temáticas, de recepção e de públicos.

Como historiador e africano, reputo que não há como escapar deste marco zero, desta espécie de pecado ou virtude política original, já que a história, toda a história, tem pelo menos dois lados. Por mais que agora, e com isso não pretendo polemizar e nem contestar os advogados da autonomia do campo literário ou estético face à dinâmica política, se venha a dizer que literatura é literatura e política é política. Gostaria tão somente de sublinhar, num esforço de entender devida e completamente a obra do homenageado, a intencionalidade política da sua escrita, a sua voluntária, consciente e desejada inscrição num movimento histórico. Sem isso, nada é compreensível. Mas ao dizer isso, devo igualmente realçar que a maneira como o autor se inscreve neste movimento, a relação entre a sua escrita e a intenção da desconstrução do colonialismo e da construção da nação nova não é mecânica, linear e panfletária, o que, a ser

assim, comprometeria eventualmente a qualidade literária do seu texto.

Para mim, o grande potencial libertador, ou, antes disso, subversivo dos melhores escritores cabo-verdianos, angolanos, moçambicanos da Geração da Casa dos Estudantes do Império, e mesmo posteriores, não reside apenas e nem maioritariamente, como poderia parecer, no acto de denúncia das situações de opressão colonial e de desencontro do pós-independência. Mas no simples facto de terem resgatado e iluminado o que antes era periférico geográfica e literariamente, ou seja, a vida do musseque, do mocambo, das ilhas remotas, das cidades desordenadas, com as suas grandezas e misérias, a vida que antes ficava fora da moldura da escrita prestigiada, e era literal e literariamente obscena. É isso que marca a ruptura. A mudança da relação entre o que é incluído e o excluído, entre o que é digno da palavra literária e o que não o é.

Pepetela faz parte do grupo de escritores que trouxe a periferia para a literatura, mas também para a História. Aliás, um dos pressupostos do colonialismo, tornando-o viável enquanto Projecto Político é justamente a negação da História dos colonizados. É talvez por isso que a sua literatura é essencialmente histórica e, por consequência, anti-colonial. Isso em vários sentidos desta expressão. Como historiador, permitam que me debruce um pouco mais sobre este ponto de vista. O autor mergulha sucessivamente na História profunda de Angola, recriando-a literariamente.

É o caso o seu livro *A Revolta da Casa dos Ídolos*, inspirado, segundo o próprio, numa referência fugaz existente eventualmente no Cavazzi, uma das grandes fontes da história de Angola. Mas talvez a ligação entre a literatura e a história atinja maior complexidade num outro livro intitulado, *Yaka*. Este mergulho na História profunda inclusive, de uma Angola pré-colonial reflecte eventualmente duas intencionalidades. Uma, consciente e buscada explicitamente, e outra, quiçá, menos consciente. A primeira tem tudo a ver com a negação da ideia de que a história dos colonizados, a existir, só poderia ser das duas uma: ou a narrativa dos colonizadores, isto é, dos governadores, dos traficantes de escravos, dos cobradores de impostos metropolitanos levada a cabo fora do seu território de origem, numa versão em que os africanos seriam cifras de escravos vendidos, almas a resgatar da barbárie pela acção missionária, pessoas refractárias à acção civilizadora, ou então o vazio, a repetição, a impossibilidade do movimento hegeliano. O autor mostra a África, neste caso, a Angola – ou o embrião histórico dela –, como portadora de uma história endógena. Própria. Anterior, por um lado, e simultânea, por outro, à aparição dos portugueses, portugueses que chegam, não para iniciar a história, mas sim, para serem mais um elemento a integrar-se nela. Uma história, de resto, marcada sempre, na visão do autor, pelo encontro, quando não mesmo pelo encontrão, das identidades. Todo o encontro não encobre desencontros? Esta dúvida corrosiva assalta-nos permanentemente quando percorremos os livros de Pepetela. Na luta de libertação, em Luanda

pós-independência percorrida por um cão, na *Geração da Utopia* a construção do amanhã está eivado de contradições, de horizontes nebulosos? Aliás, este é um dos traços sociológicos da sua literatura. Mas voltemos. A outra intencionalidade inscrita na busca da História, volto a repetir, quiçá inconsciente, é a procura do enraizamento, a tentativa de exorcizar a origem exógena dele próprio, numa Angola que, apesar da existência de um projeto político postulador da aceitação pacífica da ideia de uma sociedade multi-racial, é traumáticamente dividida pelas fronteiras de cor, de região e de língua. Pior: numa Angola sob a ameaça espectral destas fronteiras, assentes que se encontram sobre falhas de profundidade quase tectónica. O património histórico é, por conseguinte, estratégico às intenções do escritor, pois ele une povos, criando uma genealogia comum para a Nação a construir.

Outra constante dos livros do escritor homenageado é a presença da infância como um tempo de harmonia, de confraternização inter-racial e inter-classista, tempo esse que embora desapareça com a idade, permanece, contudo, como referência subversiva e crítica da ordem social. O passado, individual ou colectivo, é sempre interpelador do presente.

Talvez na obra de Pepetela tudo seja História. Longínqua ou recente. Mesmo as estórias são história. *As Aventuras de Ngunga* e *o Mayombe*, este último sem dúvida o grande romance de referência sobre a Luta de Libertação Nacional,

abordam um tema que tem produzido escassa produção literária nos países africanos de expressão portuguesa. Curioso, ou talvez não, contrariamente ao que se esperaria de um antigo guerrilheiro e um posterior ministro de uma Angola independente, *Mayombe* não é um romance épico, exaltador e apoteótico. O movimento de libertação é um campo de encontro de gente que aspira o fim da opressão colonial, mas igualmente espaço de desencontros de personalidades, de identidades étnicas, de concepções políticas, por isso, um campo sempre minado de contradições. Com minas que, tais como as outras, são a seu modo profundamente amputantes. O inimigo, passe a expressão, não é apenas exterior, mas também interno à luta. E a luta é múltipla, multidireccional, multidimensional. Neste particular, lembro-me, li *Mayombe* nos meus 17/18 anos e de quando o ter lido, ter-me lembrado das reflexões de Amílcar Cabral, que encarava a luta de libertação como acto de cultura, um processo de desconstrução de antigas divisões étnicas e regionais em favor de novas sociabilidades, um processo de confrontação com práticas e valores menos positivos das nossas tradições, que não boas pelo simples facto de serem populares, africanas e nossas, enfim, que encarava a Luta de Libertação como um processo de auto-crítica e de mudança cultural. A luta de libertação, se pensada deste modo, prolonga-se para lá dos actos de proclamação da independência. Além de 1975, ano do nosso contentamento, mesmo quando as dores de parto foram quase mortais. Há um pós-colonialismo que é uma espécie de encontro das águas oceânicas.

Nesta esteira, é para mim, como sociólogo, amante do fenómeno urbano, simplesmente sublime o livro *O Cão e os Caluandas*; pela sua escrita episódica, caleidoscópica, jornalística, analisando, escalpelizando a Cidade em carne viva. O livro constitui, sem dúvida, um momento alto da sua imensa obra. Permitam-me também salientar aquilo que Gabriel García Márquez chamaria de carpintaria. A obra possui uma carpintaria engenhosa, por isso, genialmente simples. De ossatura à mostra, pois, a narrativa é construída de modo aberto, lembrando Orson Wells em *Cidadão Kane*. O cão e o jornalista no seu encaço devassam a Cidade em tramas e dramas. Mas devo realçar o supremo humor que perpassa o livro. Aliás, o humor é uma das armas deste escritor.

Num dos seus últimos livros, melhor dito, um dos seus mais recentes livros, *O Planalto e a Estepe*, o autor celebra afinal de contas o mais universal e perene dos valores: o amor. O amor unindo culturas, resistente ao tempo e à idade, esquivando ideologias, o amor como busca persistente, como sentido da vida.

Senhor Magnífico Reitor e caro amigo, creio que a nossa língua comum é mais rica e mais feliz por ter nas suas estantes livros do Pepetela, cujos méritos justificam plenamente a atribuição de um Doutoramento *Honoris Causa* como este, que esta Universidade Morena entendeu por bem lhe conceder.

Camarada escritor, por falar em amor, morena e culturas, gostaria em breves palavras cumprir

uma missão singela que me atribuíram. Como sabe, nós os cabo-verdianos somos um povo de diáspora e desenvolvemos ao longo de séculos, desde os tempos dos baleeiros americanos, uma cultura de troca de afectos à distância, enviando de um país para outro latas de atum, grogue e milho *di tera*. Hoje de madrugada, ao passar pelo controlo das bagagens de mão, antes daquela cena de *striptease* de tirar o cinto, os sapatos e ainda assim a máquina apitar, uma jovem polícia me aguardava com um generoso sorriso. O sorriso e os restantes predicados não deixaram mal minha auto-estima. Ao aproximar-me, no entanto, ela pediu-me que lhe trouxesse mantenhas e um abraço crioulo. Com estas palavras, considere entregue as mantenhas. E o abraço espero dar-lhe após a cerimónia!

Muito Obrigado!

António Correia e Silva

Reitor da Universidade de Cabo Verde

DISCURSO DE AGRADECIMENTO
DO NOVO DOUTOR PEPETELA
(ARTUR CARLOS MAURÍCIO
PESTANA DOS SANTOS)

Magnífico Reitor da Universidade do Algarve,
Exmo. Senhor Ministro da Ciência, Tecnologia
e Ensino Superior,
Magnífico Reitor da Universidade de Cabo Verde,
Senhor Director da Faculdade de Ciências
Humanas e Sociais e outras autoridades
académicas,
Senhor Embaixador de Angola,
Senhora Vereadora da Câmara Municipal de Faro,
Senhora Governadora Civil de Faro,
Senhor Presidente da Associação Académica,
Membros do corpo docente e discente desta
Universidade,
Prezados Convidados, Familiares e Amigos,
Minhas Senhoras e meus Senhores.

Tocou-me vivamente o gesto da Universidade do Algarve, ao se lembrar de me outorgar o título de Doutor *Honoris Causa*. Compreendo o gesto como vontade de homenagem que ultrapassa o próprio homenageado, mas também e principalmente visa uma literatura e uma nação, a angolana. Porque muito dificilmente se separará a obra e a vida de um escritor da história e cultura do seu povo. Agradeço profundamente a ideia desta celebração, que muito me honra e quero pois dedicá-la, com vossa permissão, ao povo angolano. Dedico-a também à minha mãe, que, como verão em seguida, teve um papel decisivo no meu percurso e à minha mulher, Filomena, infelizmente ausente nesta ocasião, responsável pelo menos por metade daquilo que tenho produzido. Agradeço também as generosas palavras de apresentação do Magnífico Reitor da

Universidade de Cabo Verde, o Professor António Correia e Silva.

No meu fraco entender, considero que um ficcionista deve contar preferentemente estórias e não falar ou escrever sobre aquilo que é o seu trabalho íntimo, talvez o mais íntimo dos trabalhos humanos. Chamemos discrição ou suma vaidade a este cuidado de não revelar intimidades. Há porém escritores, também especialistas em teoria literária e que, sem cair em esquizofrenias, conseguem analisar, ponderar e divulgar aquilo que vão descobrindo nos textos ditados pela sua própria imaginação (alguns denominam subconsciente). Admiro a sua capacidade e até ousadia de exposição, mas sou incapaz de os seguir. Da mesma maneira, não sou capaz de escrever mais de dez linhas sobre o trabalho de outro escritor sem começar a contar estórias que a meus olhos melhor o definem em contraposição às analíticas palavras habituais.

Dito isto, decidi para este acto complicado da minha vida (embora possa não parecer, convivo muito mal com as luzes da ribalta e, sobretudo, quando se trata de homenagens que sinto sempre não suficientemente merecidas). Mas dizia, decidi escrever algo que já tenho contado em entrevistas, em encontros com leitores ou alunos de escolas, mas nunca tinha vertido para o papel, dando-lhe assim mais espessura e talvez durabilidade. Portanto, tento aqui a resposta à sacramental e terrível pergunta: como começou a escrever ou como se tornou escritor?

(O que não é exactamente a mesma coisa). Pois bem, vou contar-vos uma estória, verídica na sua essência, talvez ligeiramente ficcionada na sua forma, forçado pela necessidade da economia de tempo. Mas em todo o caso estória matemática, pois é de facto uma equação com várias incógnitas.

Tinha quatro anos de idade, quando a minha mãe me ensinou a reconhecer os números para poder jogar com dados um passatempo onde os cavalos avançavam sobre casas numeradas, transpondo obstáculos. E depois explicou-me como o meu cavalo saltava, contando as casas em função da sorte dos dados. Também havia penalidades, que consistiam em recuar algumas casas. Tinha de as contar. E, na varanda de trás da casa de Benguela onde nasci e vivi até aos cinco anos, arejada pela brisa brisando entre mamoeiros e goiabeiras do quintal, deitado no chão morno, no meu recato de solidão, fui lançando dados e fazendo avançar os cavalos, ao mesmo tempo que ouvia os pássaros em eternas serenatas amorosas e as máquinas embirrentas do vizinho *Jornal de Benguela* a atroar os silêncios de uma cidade semi paralisada no tempo. Até a minha mãe descobrir um dia que eu tinha aprendido a somar e a subtrair, como se dizia na altura. A partir de então, fui uma espécie de macaco de feira. Nos jogos de futebol, os letrados da terra, no intervalo, passavam o tempo morto a me perguntarem quanto eram 12 mais 5 ou 18 menos 3. E lá lhes respondia, meio encabulado, ainda sem idade ou descaramento para lhes pedir com uma lata o tinido das moedas que provavelmente merecia por acertar nas respostas. Como

qualquer macaco de feira. Podem crer, não sentia orgulho nenhum pelo aparente brilho do meu desempenho, antes a humilhação do macaco prisioneiro forçado a exhibir-se para gáudio de uma qualquer plateia.

Minha mãe era sem dúvida uma professora frustrada, por nunca ter podido exercer a profissão que consideraria a mais nobre do mundo. Por isso, entusiasmada com a experiência didáctica anterior, embalou-se a ensinar-me a ler e a escrever, tinha eu cinco anos. E entretanto fui descobrindo tesouros escondidos nos meus silêncios de menino recatado, ouvidor atento das conversas se processando na varanda ou no quintal. Aconteceu pois que, aos seis anos incompletos, e ao entrar na escola, já sabia todo o programa da primeira classe. Dois meses depois, promoveram-me para a segunda, a qual fiz sem mais dificuldades. A dificuldade derivou então para a escola, apanhada na sua própria armadilha. Iam ter de me admitir na terceira classe ainda com seis anos de idade, embora por escasso mês, devido ao calendário escolar da época. Não sei como se passaram exactamente as coisas, se o director escreveu para o delegado distrital pedindo desesperadamente orientações, se apenas o caso se circunscreveu à jurisdição da escola, mas acabaram por chamar a terreiro o especialista de maior nomeada para resolver tão intricado caso, o médico da terra, que por coincidência era irmão do meu pai. E o meu tio, que antes já tinha admoestado o casal por andar a cansar exageradamente o meu jovem e frágil cérebro, só capaz de assimilar o que o programa

normal da escola indicava, foi determinante na decisão da escola: o menino não podia entrar na terceira classe com seis anos, era quase crime de lesa-majestade ou pelo menos de lesa-saúde cerebral, e portanto teria de repetir a segunda. A ciência falou, todos respeitaram. Erro fatal ou força do destino? Na época não frequentava os kimbandas, os nossos adivinhos tradicionais, e por isso não vos poderei responder. Mas de facto aqui começa a estória.

Ao fim de pouco tempo, a professora, aliás a mesma do ano anterior, me punha a corrigir os exercícios dos colegas, enquanto se abanava feliz num canto, até se abater com o sono provocado pela modorra do clima. Eu era o mais novo e o mais pequeno da classe, convém dizer. E corrigia matulões, daqueles que chumbavam pelo prazer de irem à praia fugindo das aulas e já experimentavam acender beatas nos recreios. Por vezes choviam ameaças, eh miúdo, como é que puseste errado no meu problema ou então, por que é que me marcaste tantos erros no ditado? Ou atentados parecidos, merecendo vingança nos jogos de futebol debaixo dos majestáticos jacarandás e mulembas do pátio da escola onde não era poupado a umas boas caneladas dignas de cartão vermelho, inexistente na época. Havia entretanto uma prova que me passou a pôr os nervos em franja, chamada redação, hoje composição, creio. Era sempre a mesma coisa. Sobre o gato, cão, boi ou pato, demonstrar como eram animais úteis ao homem. Deixem-me acrescentar, também havia dissertações sobre

o pinheiro, a amendoeira ou o castanheiro, árvores que desconhecíamos obviamente, jamais saídos de território tropical. Ainda se fosse um imbondeiro... Já tinha feito esses exercícios no ano anterior. E teria de repetir a mesma lengalenga nesse ano. Eu que nunca gostei de repetir coisas.

Aqui entra a terceira variável da equação, o Thor, ainda não merecedor de trabalhar dentro de casa e confinado a tratar do quintal, não só por ser demasiado pequeno para limpar móveis e loiças, mas sobretudo por ter vindo directamente do interior, sem educação urbana portanto. Continua a ser para mim um mistério o nome Thor, pois não pertence a nenhuma etnia da região, conhecendo-o como um dos deuses dos Viking. Provavelmente terá sido herdado de algum grupo de alemães ou equivalentes avançando para norte nos carros bóeres de oito juntas de bois, fugidos da actual Namíbia e falando línguas guturais do norte da Europa, em princípios do século passado. Ele provinha de um ponto de confluência de três povos, dois de pastores e um de agricultores. Pertencia aos agricultores. E contava as lutas entre pastores e agricultores por causa da posse das terras, mas também as lutas derivadas dos costumes pastoris de roubar um boi ao grupo adversário para um jovem passar a ser considerado adulto, tradição que ainda hoje se mantém e por vezes é causa de conflitos mais ou menos graves. Thor sabia estórias. Até mesmo as passadas bem antes de ter nascido e que permaneciam na memória colectiva do Planalto Central como momentos de grande terror, tais as célebres razias dos incomparáveis

cavaleiros kuanhama, vindos muito do sul para confiscar gado e mulheres. E gostava de narrar, hábito adquirido no seu terreiro natal em que toda a vida social se passava ao fim de tarde e parte da noite à volta da fogueira, ouvindo os mais velhos e sábios relatar cenas do presente e do passado. Talvez também adivinhando futuros, quem sabe.

Em suma, íamos para cima de uma acácia à frente de casa e ele contava as mesmas ocorrências, porém nunca da mesma maneira.

A acácia rubra merece um parágrafo especial e peço licença para o introduzir. A casa nova, onde então habitávamos, tinha sido construída ao lado do antigo leito do rio Corinje. O meu pai era jovem quando desviaram o leito do rio para sul, servindo assim de limite ao território. É da sua recordação os antílopes irem beber água ao Corinje e os leões e onças aproveitarem a carne tentadora. A lenda contava que ao lado do rio, teve lugar uma luta de morte entre dois heróis: um leão de juba farta e acobreada e um homem armado apenas de um punhal. Foi alguma gazela o fruto da disputa? A lenda não reteve a razão. Apenas que o combate foi demorado e terminou com a morte de ambos os adversários. Diz ainda a lenda que o sangue dos dois heróis correu para a depressão onde uma jovem acácia brotava. Alimentada por esse sangue quase sagrado, a árvore ultrapassou as irmãs em altura e deu sempre flores mais encarnadas. Também os seus ramos grossos eram melhores para nos sentarmos neles e observarmos o contínuo movimento da rua. Pois bem, era para

cima dessa acácia rubra que íamos conversar e Thor me contava as estórias do seu povo e dos vizinhos belicosos. Sempre fui amante de estórias, passava o tempo a pedi-las a todos os da casa, em especial ao cozinheiro e à lavadeira, que explicavam as cenas acontecidas nos seus bairros marginais, sem luz elétrica, sem água canalizada, sem lojas e sem asfalto, mas com muitos dramas, sofrimento e também paixões avassaladoras e gestos de heroísmo. Eu era um ouvidor de estórias. Mas não as sabia contar. E Thor insistia comigo, conta lá uma, e eu não o satisfazia, achava que não era capaz de as narrar com a mesma intensidade e o mesmo colorido que ouvira. Por isso me remetia à obscuridade da plateia e nunca ao fulgor do palco.

Aqui voltamos à segunda incógnita da equação, a escola.

Cansado de repetir as mesmas escritas sobre o melhor amigo do homem ou todas as partes do boi aproveitáveis, desde os chifres aos cascos, resolvi um dia arriscar as mãos numas reguadas e narrei uma estória, onde o tema pedido era respeitado, mas não as regras da demonstração, pois de ficção se tratava. Entregue o trabalho, arrependido já do rasgo impensado de ousadia, preparei-me para o justo castigo da palmatória de cinco olhos. Surpresa. A professora leu e releu, sorriu e depois partilhou a minha primeira estória escrita com toda a aula. Era isto mesmo que queria que vocês fizessem, rematou. Não só salva a integridade física, como elogiado. É claro, nunca mais segui as regras da demonstração escolástica. Ao menos

divertia-me a inventar coisas sobre os temas pedidos. E a ouvir elogios, que sempre soavam melhor que as frequentes palmatoadas. E, talvez o mais importante, a ter estórias para o Thor. Subíamos à acácia, ele contava uma e eu lia o que não sabia contar. Tomado o gosto, não parei mais de escrever essas pequenas narrativas, cada vez mais desligadas dos temas escolares e entrando nas experiências de um menino na complexa e polissémica cidade de Benguela, em que parte considerável da população, cerca de metade, era mestiça e praticamente toda ela se orgulhava de ser do contra, qualquer que fosse o governo ou regime. Até hoje, se me permitem acrescentar, é um orgulho cidadão o facto de ter sido o único espaço do então império português em que oficialmente ganhou as eleições de 1958 o general Humberto Delgado. Oficialmente, repito.

Outra variável a ter em conta: o gosto pela leitura e a boa biblioteca que tínhamos em casa. E um tio do lado materno, este jornalista, que começou a explicar-me certos assuntos que ninguém ousava esclarecer: por exemplo, porquê no nosso bairro, fronteira com a sanzala, os negros não dormiam dentro das casas mas nos anexos? Porquê eram criados, cozinheiros, lavadeiras, mas nenhum professor ou médico? Porquê Thor nunca tivera oportunidade de frequentar a escola? Aos treze anos, esse tio deu-me a ler Proudhon, com muitas recomendações de cautela, ninguém pode saber, lê às escondidas. Depois admiram-se de eu ser até hoje utópico e achar ainda que a propriedade está associada ao roubo...

As preocupações sociais e mais tarde políticas moldaram certamente a literatura que passei a fazer na adolescência. Eram gritos de revolta, um pouco anarquistas, abafados, porque reservados à escrita clandestina. No resto era um adolescente como os outros, jogando futebol, gostando de cinema e tentando namorar as miúdas mais bonitas. E pouca gente sabia que gastava parte das minhas noites a escrever estórias, muitas que não completaria, como o meu primeiro policial, até hoje sem a última página para conhecer o nome do assassino. Diga-se de passagem, sem as outras páginas também, porque todas essas experiências de juventude foram perdidas ao longo da vida. Não é grave, o seu valor era mínimo, apenas o da memória.

Terá sido o jogo destas variáveis que me fez escritor? Talvez, e certamente umas variáveis mais importantes que as outras, mãe empenhada, obrigatoriedade de repetir um ano escolar, professora compreensiva, amigo contador de estórias, cidade de contradições, leituras variadas, injustiça na sociedade, etc., mas outras pessoas tiveram talvez experiências semelhantes e nunca pretenderam enveredar pelos mesmos caminhos. Ficará sempre a dúvida. Poderia por exemplo existir um fugaz sopro de vento e eu continuar por um qualquer curso de engenharia, nunca descobrindo a poesia dos números, à força de os usar sem os saborear. Ao escolher mais tarde a senda sociológica, podia ter limitado a minha imaginação a esse percurso e não o contrário, utilizando-a para

a ficção. Por isso é tão complicado responder à questão do como e do quando se faz um escritor. Outros saberão. Prefiro deixar que búzios sejam atirados e os leitores adivinhem ou imaginem. O importante é a delícia e alívio que se tem quando um personagem nos surpreende, se apodera da narrativa e diz, agora sou eu que comando, tu, reles escritor, remete-te ao simples papel de escriba ou oráculo, enquanto eu, o personagem, passo a aditar a acção. Sim, neste momento há o êxtase do corredor de fundo que ultrapassa as dores, a suprema fadiga, e entra no breve paraíso em que flutua sobre nuvens adocicadas antes do colapso final. Há sempre um colapso, todos o sabemos, mas o que interessa mesmo é o facto de se correr para lá da exaustão e pressentir como poderia ser o paraíso. Tal como escrever e deixar solta a imaginação, mesmo para a mais absurda das estórias. Por muito absurda que seja, nunca ultrapassará certas realidades.

Como vêem, sou um pouco herético sobre uma profissão que o escritor brasileiro João Ubaldo Ribeiro me confessou considerar como pouco decente para um honesto chefe de família. E eu respondi, pois é, mas eu não procurei essa profissão, ela é que me encontrou, decente ou não. E ele perguntou: foi numa encruzilhada de caminhos que foi apanhado? Certamente, disse eu. Perigosos, continuou o baiano, os espíritos das encruzilhadas. De facto, espíritos não conhecem rotundas. Encolhemos ambos os ombros, que havíamos de fazer? E bebemos mais um copo.

Cada escritor terá a sua estória de como começou a escrever. E nem sempre será a mesma. Esta estória que vos contei não me foi revelada em noite de insónia ou de uma análise às profundezas escuras da minha memória, antes foi sendo construída no decorrer dos anos. Um detalhe ou outro acrescentado ontem e hoje. Não é forçosamente falsa pelo facto de se transmutar frequentemente. Apenas não considerei outras incógnitas que poderei vir a acrescentar à equação matricial daqui a cinco ou dez anos. E a retirar algumas variáveis, entretanto resolvidas pela usura do tempo ou aniquiladas pelos caprichos da moda. É esse o mistério da literatura.

Para benefício de todos nós, leitores.

Mais uma vez, muito obrigado a todos os que conspiraram para que esta cerimónia pudesse acontecer.

Faro, 28 de Abril de 2010

Pepetela

Esta edição DOUTORAMENTO *HONORIS CAUSA* – Pepetela,
foi paginada por João Correia, impresso e encadernado pela
Secção de Reprodução Documental da Universidade do Algarve.

Setembro de 2020

Depósito legal n.º 471197/20

ISBN: 978-989-9023-20-8 (suporte impresso)

978-989-9023-21-5 (suporte eletrónico)

série **HONORIS CAUSA**
